



CONVERSAS (SOBRE)VIVER ÀS FRONTEIRAS, FEMINISMO DA DIFERENÇA E EDUCAÇÃO, ACOMPANHADAS DE GLORIA ANZALDÚA¹

CONVERSACIONES (SOBRE) VIVIR EN LAS FRONTERAS, FEMINISMO DE LA DIFERENCIA Y EDUCACIÓN, ACOMPAÑADO POR GLORIA ANZALDÚA

CONVERSATIONS (ABOUT)LIVING ON THE BORDERS, FEMINISM OF DIFFERENCE AND EDUCATION, ACCOMPANIED BY GLORIA ANZALDÚA

BOMFIM, Juliana Cristina²
MOURA, Tais Aparecida de³

Resumo

O presente artigo, ancorado nas reflexões de Gloria Anzaldúa, teve por objetivo apresentar algumas considerações sobre o existir nas fronteiras, a partir da perspectiva epistemológica da diferença interseccional e articulações que perpassam conceitos como consciência mestiça, entre-lugares e possíveis contribuições do feminismo da diferença para pensarmos experiências na Educação (das infâncias). Optou-se pela pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, por meio de leituras analíticas de artigos e livros que contemplam a temática. De modo especial, a consciência da nova mestiça, portanto, faz um inventário, passa a história por uma peneira, anuncia a ruptura e as tradições opressoras, documenta a luta e reinterpreta a história com novos símbolos e criando mitos. Nesta perspectiva, a consciência da nova mestiça é um projeto de recuperação da consciência política. Um texto multilíngue, escrito em inglês, espanhol e *náhuatl* é parte de sua metodologia, como a própria autora expõe um “salto de códigos” que reflete as exigências linguísticas de linguagem da fronteira, de um território de múltiplos idiomas mestiços. A língua chicana também é uma mestiçagem que dilui dualismos. Espera-se que as reflexões apresentadas fortaleçam uma concepção alternativa ao adultocentrismo que, infelizmente, ainda marca as relações entre as crianças e as pessoas adultas. Desejamos que tais reflexões desacomodem e que também sejam inspiração para outros debates entrelaçando feminismos, Educação e infâncias.

Palavras-chave: Feminismo da diferença; Consciência Mestiça; Interseccionalidade; Educação; Infâncias.

¹ Capítulo elaborado a partir das discussões realizadas na disciplina Infância e Experiência, sob orientação da Profa. Dra. Andrea Braga Moruzzi, do programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, campus São Carlos, ofertada no 1º semestre de 2022.

² Mestra em Educação (UNESP – Marília). Professora efetiva da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG – Passos), Passos, Minas Gerais, Brasil. E-mail: juliana.bomfim@uemg.br

³ Doutora em Educação (UNICAMP). Professora efetiva da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG – Passos), Passos, Minas Gerais, Brasil. E-mail: tais.moura@uemg.br

Resumen

Este artículo, anclado en las reflexiones de Gloria Anzaldúa, tuvo como objetivo presentar algunas consideraciones sobre el existir en las fronteras, desde la perspectiva epistemológica de la diferencia interseccional y las articulaciones que permean conceptos como mestizaje, entre-lugares y posibles aportes del feminismo. de diferencia para pensar experiencias en Educación (de la infancia). Optamos por la investigación bibliográfica cualitativa, a través de lecturas analíticas de artículos y libros que abordan el tema. De manera especial, la conciencia del nuevo mestizo, por tanto, hace inventario, pasa la historia por un tamiz, anuncia la ruptura y las tradiciones opresivas, documenta la lucha y reinterpreta la historia con nuevos símbolos y creando mitos. En esta perspectiva, la toma de conciencia del nuevo mestizo es un proyecto de recuperación de la conciencia política. Un texto multilingüe, escrito en inglés, español y *náhuatl* es parte de su metodología, pues la propia autora expone un “salto de códigos” que refleja los requerimientos lingüísticos de la lengua fronteriza, de un territorio de múltiples lenguas mestizas. La lengua chicana es también un mestizaje que diluye dualismos. Se espera que las reflexiones presentadas fortalezcan una concepción alternativa del adultocentrismo que, lamentablemente, aún marca las relaciones entre niños y adultos. Esperamos que tales reflexiones no resulten incómodas y que sirvan también de inspiración para otros debates entrecruzando feminismos, Educación e infancia.

Palabras clave: Feminismo de la Diferencia; Conciencia Mixta; Interseccionalidad; Educación; Infancias.

Abstract

This article, anchored in the reflections of Gloria Anzaldúa, aimed to present some considerations about existing on the borders, from the epistemological perspective of intersectional difference and articulations that permeate concepts such as mixed-race consciousness, between-places and possible contributions of the feminism of difference to think about experiences in Education (of childhood). We opted for qualitative bibliographical research, through analytical readings of articles and books that address the theme. In a special way, the consciousness of the new mestizo, therefore, takes inventory, passes history through a sieve, announces the rupture and the oppressive traditions, documents the struggle and reinterprets history with new symbols and creating myths. In this perspective, the awareness of the new mestizo is a project to recover political awareness. A multilingual text, written in English, Spanish and *náhuatl* is part of her methodology, as the author herself exposes a “leap of codes” that reflects the linguistic requirements of border language, of a territory of multiple mestizo languages. The Chicana language is also a miscegenation that dilutes dualisms. It is hoped that the reflections presented will strengthen an alternative conception of

adultcentrism that, unfortunately, still marks the relationships between children and adults. We hope that such reflections are not uncomfortable and that they are also an inspiration for other debates intertwining feminisms, Education and childhood.

Keywords: Feminism of Difference; Mixed Consciousness; Intersectionality; Education; Childhoods.

Palavras introdutórias

Ancoradas nas reflexões de Gloria Anzaldúa, o presente artigo apresenta algumas considerações sobre o existir nas fronteiras, a partir da perspectiva epistemológica da diferença interseccional e articulações que perpassam conceitos como consciência mestiça, entre-lugares e possíveis contribuições do feminismo da diferença para pensarmos experiências na Educação (das infâncias).

Glória Anzaldúa (2000) é filha de camponeses do sul do Texas e que tiveram suas famílias separadas por uma fronteira imposta. Ativista desde jovem, nos anos de 1950 ela participou de protestos de camponeses no estado em que nasceu (Texas). No fim dos anos de 1960 e início dos anos de 1970 teve contato com a literatura feminista, sendo que a partir desta década inicia sua produção literária, por meio da escrita peças de teatro, poemas, contos, romances e autohistórias. Segundo seus escritos autobiográficos/autohistórias, “No começo dos anos de 1980 defende a posição de que as mulheres de cor deveriam buscar meios para expressar suas ideias, transformando-se em criadoras de suas teorias e não mais em meros objetos de estudo.” (idem, 2000, p. 229).

Ponderamos que este capítulo não esgota todas as publicações feitas pela autora, mas discorreremos acerca de alguns conceitos que perpassam sua obra, como consciência mestiça, feminismo da diferença e entre-lugares; visando revelar como sua existência e sua escrita impacta nas lutas feministas, ao mesmo tempo, que traz contribuições para dialogar sobre uma educação plural, que respeita as diferenças.

Escritas de uma mulher do terceiro mundo

*“Não podemos deixar que nos rotulem. Devemos
priorizar nossa própria escrita
e a das mulheres do terceiro mundo.”
Gloria Anzaldúa (2000)*

Quem é esta mulher, lésbica, feminista, chicana⁴, ativista, mestiça que entre-lugares e escritas conta sua história, sensibiliza, ensina, mostra que tem voz e vez?

Figura 1: Gloria Evangelina Anzaldúa



Fonte: www.google.com/image/gloria_anzaldua

Gloria Evangelina Anzaldúa, nasceu no Texas em 26 de setembro de 1942 e faleceu na Califórnia em 15 de maio de 2004, aos 61 anos, devido a complicações com diabetes.

Vivendo entre-lugares e marcada por uma escrita fronteiriça, ela sugere que:

Como *mestiza*, eu não tenho país, minha terra natal me despejou; no entanto, todos os países são meus porque eu sou a irmã ou a amante em potencial de todas as mulheres. (Como uma lésbica não tenho raça, meu próprio povo me rejeita; mas sou de todas as raças porque a *queer*⁵ em mim existe em todas as raças.) Sou sem cultura porque, como uma feminista, desafio as crenças culturais/religiosas coletivas de origem masculina dos indo-hispânicos e anglos; entretanto, tenho cultura porque estou participando da criação de uma outra cultura, uma nova história para explicar o mundo e a nossa participação

⁴ Indivíduo que vive nos Estados Unidos, mas que tem origem hispânica com raízes mexicanas é denominado chicano/chicana. Inicialmente, de acordo com Lobo (2015), o termo tinha um sentido pejorativo, mas em 1960 teve início o movimento chicano que operou uma ressignificação do termo que passou a ter o sentido de forma de resistência à assimilação da cultura anglo-americana.

⁵ Nota da tradutora (Ana Cecília Acioli Lima): a palavra inglesa *queer*, ao longo da história, tem sido usada de diversas maneiras: para se referir a algo estranho; ou a traços negativos de uma outra pessoa, como a loucura ou qualquer deficiência. Na atualidade, além de ter-se tornado um sinônimo mais carinhoso de homossexualidade, tem sido reapropriada também por outras minorias, a fim de esvaziá-la de sua carga semântica historicamente negativa, passando a denotar e a ressaltar os aspectos positivos de todas as formas de diferenças. Continuarei usando a palavra em inglês, por falta de termo similar na língua portuguesa.

nele, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos conectam um/a ao/à outro/a e ao planeta. *Soy um amasamiento*, sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados. (ANZALDÚA, 2005, p. 707-708).

Por meio do seu existir nas fronteiras, Anzaldúa nos mobiliza a questionar muitas ideias, a interrogar preconceitos, a desmitificar rótulos. Uma das primeiras coisas que aprendemos com ela é sobre o poder da escrita. Uma escrita pode ser “tudo” - uma escrita como resistência, como potência de vida, como brado. Assim sendo, a autora afirma que escreve para registrar o que os outros apagam quando fala; escreve para se tornar mais íntima com ela mesma; para descobrir-se, preservar-se, construir-se, alcançar autonomia. Em outras palavras:

Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. [...] O ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como “outro” — o escuro, o feminino. [...] A escrita é uma ferramenta para penetrar naquele mistério, mas também nos protege, nos dá um distanciamento, nos ajuda a sobreviver. (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

A respeito disso, Leila Machado e Laura Almeida (2015) costumam dizer que a escrita pode ter uma função estética e política de criação de si; ela é um desafio que nos convida a transformamo-nos em meio à própria escrita; ela é estranheza; é intermédio; um ‘entre’; uma provocação. Para nós, autoras deste capítulo, ler e escrever acompanhadas principalmente de Anzaldúa, bem como de outras mulheres e homens, é estar neste entre.

Anzaldúa nos mostrou que para algumas pessoas pode até parecer bonito brincar com a escrita ora grafada em inglês, ora atravessada com frases em espanhol. No entanto, isso não é só uma função estética, pois com muita sutileza, Anzaldúa foi muito mais profunda para demonstrar que ela se entregou nas palavras, deixou transparecer esse hibridismo de culturas justamente porque é essa mistura, os muitos entre-lugares que trazem sentidos para contar suas histórias, para resistir, lutar por direitos, criar conceitos.

De acordo com Lara Palmeira (2020, p. 4), Anzaldúa foi uma mulher que criou uma teoria de existência nas fronteiras e introduziu às questões de gênero, questões de sexualidade, além das de raça etnia [...]”.

Ressaltamos que as três obras mais conhecidas de Anzaldúa são: *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color* (1983), *Falando em Línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo* (2000) e *Borderlands/La Frontera: La Nueva Mestiza* (1999). Nesse último livro, Anzaldúa, ao recusar as fronteiras arbitrárias entre tradição e modernidade, faz um escrutínio geopolítico das mestiçagens e hibridismos presentes na fronteira (COSTA; ÁVILA, 2005).

De acordo com Cláudia Costa e Eliana Ávila (2005) em meio a encruzilhada e os interstícios entre os mundos diferentes que habitava Anzaldúa, a consciência mestiça proposta ela, apesar de dolorosa, nasce de um movimento criativo contínuo que segue quebrando o aspecto unitário de cada novo paradigma. É a respeito desse conceito que trataremos adiante.

Teoria da identidade mestiça: (sobre)viver às fronteiras

[Comecei a pensar: “Sim, sou chicana, mas isso não define quem eu sou. Sim, sou mulher, mas isso também não me define. Sim, sou lésbica, mas isso não define tudo que sou. Sim, venho da classe proletária, mas não sou mais da classe proletária. Sim, venho de uma mestiçagem, mas quais são as partes dessa mestiçagem que se tornam privilegiadas? Só a parte espanhola, não a indígena ou negra.” Comecei a pensar em termos de consciência mestiça. O que acontece com gente como eu que está ali no entre-lugar de todas essas categorias diferentes? O que é que isso faz com nossos conceitos de nacionalismo, de raça, de etnia, e mesmo de gênero? Eu estava tentando articular e criar uma teoria de existência nas fronteiras. [...] Eu precisava, por conta própria, achar algum outro termo que pudesse descrever um nacionalismo mais poroso, aberto a outras categorias de identidade.]
(ANZALDÚA, 2000b)

No livro intitulado *Borderlands/La Frontera: La Nueva Mestiza*, Anzaldúa trabalha com a *autohistória*, um novo gênero textual por meio do qual a autora tece relações entre o oral e o escrito, entre a história e o conto, entre o fato e ficção e entre a teoria e a prática, e nas palavras da autora:

[Este livro, então, fala da minha existência. Minhas preocupações com a vida interior do Eu e com a luta desse Ser em meio a adversidades e violações; com a confluência de imagens primordiais; com os posicionamentos únicos que a consciência toma nesses confluentes fluxos; e com a minha vontade

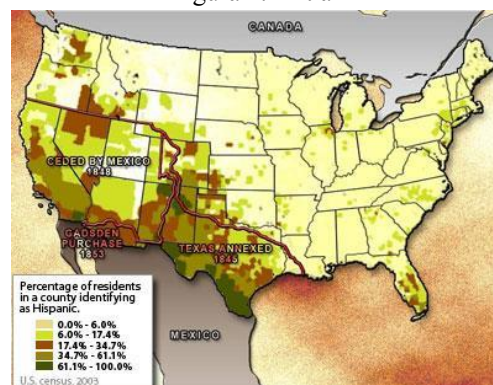
quase instintiva de comunicar, falar, escrever sobre a vida nas fronteiras, a vida nas sombras.] (ANZALDÚA, 1999, p. 19, tradução nossa).

Por meio do referido livro, Anzaldúa apresenta a história não como uma narrativa linear, mas como um círculo serpentina. Um mesmo espaço discursivo de narrativa pessoal que fala de sua existência e que, ao mesmo tempo, expõe fatos históricos e as preocupações que a autora tem acerca da vida interior do Ser diante da vida nas fronteiras, nas sombras que é “espaço de contradições, o ódio, a raiva e exploração são características proeminentes.” (PALMEIRA, 2020, p. 3).

Destacamos que para Anzaldúa (1999) a fronteira é lócus de ruptura, de mistura e de resistência. Na fronteira física encontramos mais de duas culturas, pessoas de diferentes raças e classes sociais e, nesse sentido, as “fronteiras nacionais se constituem enquanto experiências sociais complexas e particulares, elas também nos auxiliam a pensar nos processos de re(construção) das identidades contemporâneas.” (PALMEIRA, 2020, p. 3).

La fronteira é o terceiro país, a ferida aberta (ANZALDÚA, 1999). País fechado, povoado por pessoas sem documentação que cruzam o território. No caso de Anzaldúa, trata-se do Texas no sudoeste dos EUA e México, uma fronteira de três mil quilômetros. Uma terra ancestral que era conhecida pelos povos Nauas como Aztlán⁶. Contudo, a autora destaca que os territórios fronteiriços psicológicos, sexuais e espirituais não são específicos dessa região.

Figura 2: Aztlán



Fonte: <https://marxistleninist.wordpress.com/2008/09/10/the-struggle-for-chicano-liberation/>

⁶ É importante destacar que Asteca deriva do termo náuatle que significa povo de Aztlán.

Antes de apresentar o conceito de consciência mestiça, Anzaldúa (1999) apresenta uma contextualização histórica e, para isso, opera com a topografia de deslocamento, nos explicando a história de como os EUA absorveram o norte do México em 1848. Define a fronteira que é política, ideológica, identitária e metafórica, postulando o potencial desestabilizador, cartografia chicana do final do século XX. Tratado de Guadalupe Hidalgo de 1848 que estabelece uma nova minoria estadunidense – cidadãos estadunidenses de origem mexicana.

Nessa perspectiva, como Sônia Saldívar Hull explica na introdução à segunda edição de *Borderlands/La Frontera: La Nueva Mestiza*, Anzaldúa (1999) apresenta uma genealogia às pessoas híbridas, ou mestiços, os nativos das Américas que possuem uma identidade não ocidental, mas uma identidade múltipla e proporciona uma Pedagogia que as escolas tendem a apagar. Ela apresenta que os anglo-americanos não só se apoderaram do território, mas operaram um processo de imposição da Supremacia branca que contribui para as táticas terroristas dos *Rangers* de Texas.

Nessa direção, as histórias das mulheres ampliam o território que antes era coberto por textos androcêntricos e, desse modo, Anzaldúa perturba os chicanos nacionalistas ao introduzir as análises feministas.

Me dá uma raiva quando alguém, seja minha mãe, a Igreja, a cultura dos ingleses, me diz faça isso, faça aquilo sem considerar meus desejos. Eu repeli. Disse prá trás...Não fui boa nem obediente. Mas cresci. Já não passo toda a minha vida jogando os costumes e valores da minha cultura que me traíram. Também recorro aos costumes que pelo tempo se têm provado e aos costumes de respeito às mulheres. (ANZALDÚA, 1999, p. 55, tradução nossa).

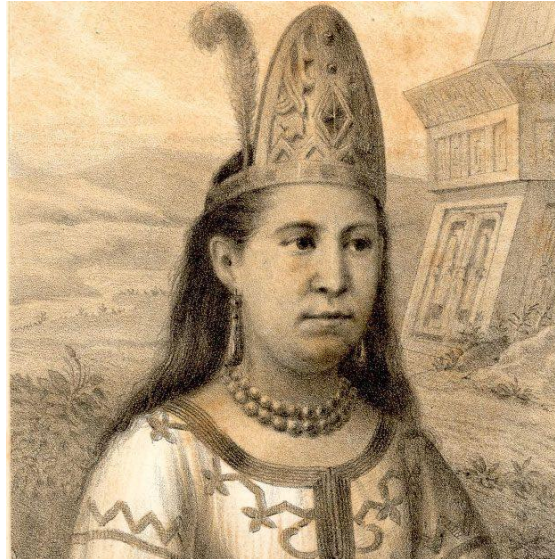
Por meio dessa citação, Anzaldúa utiliza uma estratégia bilíngue. O livro foi escrito em inglês, mas nesse momento que ela enfrenta a tradição de dominação masculina no interior de sua comunidade, ela inicia com uma epígrafe em espanhol, sem traduzir para o inglês, enfrentando, no idioma de suas tradições chicano-mexicano-texanas, os varões patriarcais de sua infância e juventude que falavam inglês com fluidez (HULL, 1999).

Nas terras fronteiriças se ensina que a única coisa que os homens valorizam em uma mulher são seus corpos e se aprende a ter medo da sexualidade, a desvalorizar a sua individualidade e a condenar o egoísmo. Egoísmo que para Anzaldúa tem o sentido de

tudo aquilo que as mulheres desejam para melhorar a sua vida. Eis a consciência mestiça: a que valoriza a individualidade da mulher mexicana (HULL, 1999).

Anzaldúa reconceitualiza a figura de Malintzin, também conhecida como Malinche ou Dona Marina (1496 – 1529 ou 1551) para problematizar o lugar dessa figura na mitologia mexicana como a Eva caída que traiu a seu povo ao tornar-se amante de Cortés, ocupando o lugar de mãe da mestiçagem. Nessa direção, a autora reivindica para as mulheres a casa mítica – Aztlán, a pátria dos chicanos apresentando aos machos chicanos para que compreendam que a luta feminista é a mesma que a rebelião de classe racializada dos nacionalistas culturais.

Figura 3: Malintzin, Malinche ou Dona Marina



Fonte: <https://dbe.rah.es/biografias/12987/la-malinche>

Anzaldúa (1999) reconceitualiza, também, a identidade cultural, por meio do gênero e da identidade sexual e explica que um dos papéis da consciência da nova mestiça é decompor as dualidades que servem para aprisionar as mulheres. A rebelião das chicanas se dará por meio da sexualidade – teoria queer, especialmente, para as lésbicas de cor. Sobre ser lésbica, Anzaldúa pontua que:

O que é uma escritora lésbica? O rótulo na frente de uma escritora a posiciona. Sugere que a identidade é socialmente construída. Mas só para a/o -outra/outro cultural. Inconscientes do privilégio e absortos em arrogância, a maioria dos escritores da cultura dominante nunca especifica sua identidade; eu quase nunca os escuto dizer: Eu sou um escritor branco. Se a/o escritor/a é classe média, branca/o, heterossexual, ela/ele é coroada/o com o chapéu

-escritor/a - nenhum adjetivo mitigante depois. Me consideram uma escritora Chicana, ou uma escritora Chicana lésbica. Adjetivos são uma forma de coagir e controlar. - Quanto mais adjetivos você tem, mais apertada é a caixa. O adjetivo depois de escritora marca, para nós, a escritora - inferior, ou seja, a escritora que não escreve como eles. Marcar é sempre - rebaixar. E quando eu defendo colocar Chicana, tejana, de classe operária, poeta dykefeminista junto a -meu nome, eu o faço por razões diferentes daquelas da cultura dominante. As razões deles são marginalizar, confinar, e conter. Meu rotular a mim mesma é para que a Chicana e lésbica e todas as outras pessoas em mim não sejam apagadas, omitidas, ou assassinadas. Nomear é como eu faço minha presença conhecida, como eu afirmo quem e o que eu sou e como quero ser conhecida. Nomear a mim mesma é uma tática de sobrevivência. (ANZALDÚA, 2009, p. 164 *apud* PALMEIRA, 2020, p. 6).

Nessa perspectiva, o indígena é uma nova postura política como chicana feminista completamente racializada, nesse caso, da história de resistência da mulher indígena que vem evidenciar a crítica interna das práticas culturais chicanas que negam o componente indígena de mestiçagem.

A nova mestiça vem reivindicar as figuras culturais femininas que foram rotuladas como traidoras da comunidade. A primeira traição é negar o índio no chicano. A segunda traição é a traição de *Malintzin* e de *La Llorona* em puta da díade virgem/puta. Com objetivo de reivindicar uma base para a presença histórica feminina, Anzaldúa reescreve as histórias de *Malintizín*, *La Llorona* e da Virgem de Guadalupe anterior a Cortés, demonstrando como essas figuras femininas foram desvalorizadas pelo patriarcado asteca-mexica e pelos conquistadores cristãos e, portanto, reformula as “figuras míticas para forjar uma nova memória coletiva e veicular modelos femininos emancipatórios” (PALMEIRA, 2020, p. 8).

Anzaldúa (1999) proporciona novos nomes na medida em que apresenta o mito de Guadalupe: Coatlicue, Cihuacoatl, Tonantsi, Coyolxauhqui e, nesse sentido, a Nova Mestiça apresenta narrativas que aprofundam a formação da identidade sempre mutável e transita entre conhecer a si mesma para o desenvolvimento da consciência mestiça. Ela tem muitos nomes que culminam na revelação de múltiplas subjetividades: todas são uma: a chicana. Na esteira desse pensamento, a definição Nova Mestiça é, para a autora, uma definição provisória: é uma consciência feminista, que vai mais além de filiação, dos laços de sangue que aceita sua existência material nos interstícios rumo a uma vida de comprometimento com a ação social.

Anzaldúa se declara como uma mulher de fronteira que cresceu no lugar de contradições entre duas culturas: a mexicana (com grande influência indígena) e a inglesa (como membro de um povo colonizado em seu próprio território). Para a autora viver nas fronteiras e manter a identidade múltipla e mutável é como nadar em um elemento estrangeiro.

Anzaldúa afirma que a fronteira entre México e Estados Unidos é uma ferida aberta que sangra que forma um terceiro país: uma cultura de fronteira. E, nesse sentido, as fronteiras são traçadas para que sejam classificados os lugares seguros dos não-seguros; o nós e os outros e aí se encontram os proibidos, os banidos, os vesgos, os queer, os perversos, os mestiços, isto é, aqueles que atravessam, que cruzam os confins do “normal”, desse modo, “A ambivalência e o mal-estar residem ali e a morte não é uma estranha.” (ANZALDÚA, 1999, p. 42, tradução nossa).

Para Anzaldúa (1999), a personalidade mestiça além de ser dual, múltipla, tricultural, multilíngue, é desassossega porque vive em um estado de eterna transição e sofre uma luta interior, de luta entre fronteiras, isto é, um “choque de uma alma encurralada entre o mundo do espírito e o mundo da técnica [...]” (idem, 1999, p.133). Esse choque opera uma colisão cultural que ocorre em razão de que quando se vive em duas ou mais culturas, as culturas podem ser coerentes, mas, também, podem ser contraditórias e incompatíveis. No entanto, a “(r)evolução resolve o choque de culturas” (idem, 1999, p. 138).

Dessa forma, os pontos de vista contrários saturam não só as fronteiras físicas da mestiça, mas também as fronteiras psicológicas. A mestiça percebe que não é possível conter conceitos em limites-muros rígidos e para não morrer se afasta do pensamento ocidental, analítico, racional e convergente, para se movimentar continuamente ao lado da flexibilidade e do pensamento divergente (ANZALDÚA, 1999).

[...] nova mestiça opera dentro de uma referência epistemológica distinta do modelo que estrutura as relações entre centro e periferia, tradição e modernidade. Ela é produto da transculturação, sincretismo e diáspora que criam disjunturas entre tempo e espaço (a fronteira) e deslocamentos dos discursos sobre origens e essências. Seu cronotopo é a limiaridade/insterstício e sua prática, a tradução. (COSTA; ÁVILA, 2005, p. 694-695).

Na contramão da ideia da reação, Anzaldúa (1999) cunha seu pensamento na ideia da vida de ação e afirma que as possibilidades são abundantes rumo à libertação da dominação cultural. Nesse sentido, para a autora, se coloca a necessidade de uma postura antagônica que, por meio de uma atitude de orgulhoso desafio, “refuta as opiniões e crenças da cultura dominante” (idem, 1999, p. 135). Contudo, a nova mestiça age por meio do desenvolvimento da tolerância face às ambiguidades e contradições, ou seja:

aprende a ser índia na cultura mexicana, a ser *mexican* do ponto de vista cultura anglo. Aprende a fazer jogos malabares com as culturas. Possui uma personalidade plural, opera em um modo pluralista – nada se descarta, o bom, o mal e o feio, nada se rejeita, nada se abandona –. Não só sustenta as contradições, converte a ambiguidade em outra coisa. (ANZALDÚA, 1999, p. 136, grifos da autora).

É um trabalho que, de acordo com Anzaldúa (1999), é realizado pela alma, de modo inconsciente. A mestiça está situada num ponto de apoio doloroso, mas que gera um movimento constante de criação. E aqui, a partir da síntese das partes separadas, temos o aditamento de um terceiro elemento: a consciência mestiça que resulta muito maior do que a soma de suas partes cortadas. Nesse sentido, a fronteira é lócus de “oportunidades de juntar os fragmentos e criar um novo conjunto.” (PALMEIRA, 2020, p. 16).

Anzaldúa (1999) destaca que a mestiça, quando rompe com a dualidade entre sujeito e objeto que a aprisiona, muda a forma de como percebemos a realidade do mundo, de como nos percebemos e de como nos comportamos, ela cria uma consciência e face a uma longa luta, provoca o deslocamento do pensamento dualista. A luta da mestiça é uma luta feminista e o primeiro passo dessa luta é, segundo Anzaldúa (1999, p. 142), “desaprender a dicotomia puta-virgem e ver a Coatlopeuh- Coatlicue na mãe, Guadalupe.”.

De modo especial, a consciência da nova mestiça, portanto, faz um inventário, passa a história por uma peneira, anuncia a ruptura e as tradições opressoras, documenta a luta e reinterpreta a história com novos símbolos e criando novos mitos. Nesta perspectiva, a consciência da nova mestiça é um projeto de recuperação da consciência política. Um texto multilíngue, escrito em inglês, espanhol e *náhuatl* é parte de sua metodologia, como a própria autora expõe um “salto de códigos” que reflete as exigências linguísticas

de linguagem da fronteira, de um território de múltiplos idiomas mestiços. A língua chicana também é uma mestiçagem que dilui dualismos. Dessa forma, Glória Anzaldúa é a “personificação das tensões que integram essa experiência social que é o viver entre-fronteiras.” (PALMEIRA, 2020, p. 1).

Perspectiva epistemológica interseccional: feminismo da diferença

*“Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria*

*Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca possui
A estranha mania de ter fé na vida”
(Maria, Maria - intérprete Milton Nascimento)*

De acordo com Costa e Ávila (2005) a importância de Gloria Anzaldúa para o surgimento da discussão sobre diferença no bojo do feminismo norte-americano não pode ser menosprezada, isso porque, ela trouxe a partir do seu lugar de escritora chicana, intervenções das mulheres feministas de cor, lésbicas, mulheres do terceiro mundo, entre outras, para o centro dos debates feministas, até então, dominados pela miopia das feministas consideradas brancas, anglófonas, heterossexuais, protestantes e de classe média.

No texto “Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo”, Anzaldúa (2000, p. 229) argumenta:

Minhas queridas hermanas, os perigos que enfrentamos como mulheres de cor não são os mesmos das mulheres brancas, embora tenhamos muito em comum. Não temos muito a perder — nunca tivemos nenhum privilégio. Gostaria de chamar os perigos de “obstáculos”, mas isto seria uma mentira. Não podemos *transcender* os perigos, não podemos ultrapassá-los. Nós devemos atravessá-los e não esperar a repetição da performance. É improvável que tenhamos amigos nos postos da alta literatura. A mulher de cor iniciante é invisível no mundo dominante dos homens brancos e no mundo feminista das mulheres brancas, apesar de que, neste último, isto esteja gradualmente mudando. A lésbica de cor não é somente invisível, ela não existe. Nosso discurso também não é ouvido. Nós falamos em línguas, como os proscritos e os loucos.

Diante disso, compreendemos que conhecer um pouco mais sobre a autohistória de Gloria Anzaldúa, nos coloca em estado de provocação, inquietudes e deslocamentos. Ela nos faz pensar a respeito de quem são essas mulheres do terceiro mundo?

Destacamos que não por acaso começamos esta seção entoando que é preciso ter força, raça, manha, graça e sonho para ser/estar vivendo. A propósito complementamos que “é preciso uma enorme energia e coragem para não aquiescer, para não se render a uma definição de feminismo que ainda torna a maioria de nós⁷ invisíveis” (ANZALDÚA, 2000, p. 231).

Nesse ínterim, segundo Claudia Costa (2002), ao abordamos os debates feministas sobre a questão da diferença nos Estados Unidos, os estudos realizados por Nancy Fraser contribuem para identificar que há três grandes transições teóricas que atravessam tais debates, desde o final da década de 1960 até os anos de 1990.

Primeiro, temos uma noção da diferença apoiada exclusivamente na “diferença de gênero”, que nos anos de 1980 deu vazão a uma percepção mais elaborada das diferenças, notadamente trazendo luz à presença e histórias das mulheres de cor, lésbicas e feministas do terceiro mundo. Por sua vez, a terceira perspectiva, enfatiza as “diferenças de intersecções múltiplas” entre e dentro das mulheres, ou seja:

Um dos principais fatores que contribuíram para essa última tendência foi o reconhecimento de que o campo social está intersectado por várias camadas de subordinação (tais como raça, etnia, classe, orientação sexual, idade, religião, nacionalidade, etc.) que não podem ser reduzidas unicamente à opressão de gênero. Essas camadas de subordinação ou eixos da diferença encontram-se mutuamente imbricados, onde cada categoria produz efeitos articulatórios sobre as outras em contextos históricos e geográficos específicos, viabilizando, assim, posições a serem ocupadas pelos sujeitos enquanto estabelecem agendas teóricas e políticas. Essa terceira abordagem, partindo da noção de interseccionalidade, expande significativamente o conceito de gênero, passando a formulá-lo como parte do conjunto heterogêneo de relações móveis, variáveis e transformadoras do campo social. (COSTA, 2002, p. 80).

Portanto, em meio aos debates do pós-modernismo e pós-estruturalismo na academia norte-americana, observamos que se desestabilizaram certezas e verdades, tendo em vista que o feminismo da diferença distanciou-se de determinações especificamente

⁷ Reconhecemos que esse [nós] é múltiplo, plural; diz respeito à muitas mulheres - de cor, lésbicas, transgêneros, chicanas, mestiças, entre outras.

biológicas dando relevo às inscrições socioculturais dos sujeitos, abrindo nos anos de 1990 caminho para uma análise de interseccionalidade do gênero.

Para Susan Friedman (1998) a mestiça de Anzaldúa aponta para um lugar além da diferença, pois seu hibridismo “móvel”, de certa forma caminha para a formação de um feminismo “migratório” que resiste às tendências binárias, classificatórias e fixas que fragilizam a fluidez e a pluralidade de existências.

Em suma, concordamos com Costa e Ávila (2005) de que uma das grandes contribuições da prática teórica de Anzaldúa é desenvolver uma perspectiva articulando, simultaneamente, política identitária e política de alianças, de modo que esses parâmetros possam se reforçar e também se interromper dialogicamente, enriquecendo-se com suas limitações mútuas.

Na sequência, abordaremos algumas considerações sobre a teoria de existir nas fronteiras, o feminismo da diferença e possíveis contribuições para a Educação (das infâncias).

Contribuições de Gloria Anzaldúa para uma Educação atravessada pelo feminismo da diferença

Sinto roubada de minha língua nativa. [...] Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever?
(ANZALDÚA, 2000, p. 230).

Anzaldúa (2000) afirma que o sistema educacional opera uma lavagem cerebral nas mentes dos alunos e alunas ao impor um único tipo de escrita e uma única língua que por vezes não é a língua deles(as), os(as) impedindo de se expressarem em sua língua materna.

Assim, retomando a escrita como potência de vida e resistência, a autora problematiza:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Compreendemos que todas as histórias contadas por Anzaldúa marcada pelo entrelaçamento de idiomas (inglês e espanhol), histórias também contadas com poesia, com confissões e até mesmo com criatividade para criar outros-novos mundos, nos ajuda a pensar a respeito de como é possível uma Educação mais porosa, na qual leve em consideração uma perspectiva do feminismo da diferença de intersecções múltiplas.

Por sua vez, ao estarmos acompanhadas principalmente de Gloria Anzaldúa, fez com que nós autoras - duas mulheres negras pardas, professoras que atuam com a formação de professores(as) -, pensássemos sobre as contribuições desta autora partindo de algumas perguntas: o que é escrever? Seria colocar nossos sentimentos em palavras? Seria possível ousar na escrita acadêmica? Faz diferença a diferença? Como o(a) professor(a) lida, acolhe, respeita a diferença no cotidiano educacional? Há espaço para uma nova consciência na Educação Infantil?

Muitas questões nos desafiam e para as quais não se tem todas as respostas. Contudo, por meio do seu existir nas fronteiras, Anzaldúa nos mobilizou a pensar coisas importantes sobre o campo da Educação, do qual vamos nos aproximar um pouco mais das infâncias. Portanto, Anzaldúa nos provocou a desejar:

Uma educação que não seja atravessada por rótulos;

Uma educação que não reforce estereótipos de representações de gênero e sexualidade;

Uma educação que contribua para as crianças compreenderem que são sujeitos que produzem cultura, que são atores/atrizes sociais;

Uma educação que perceba que por meio do brincar as crianças (des)explicam as diferenças;

Uma educação que contribua para estabelecer novas relações entre as “coisas” (materialidades) humanas e não humanas;

Uma educação que ensine as crianças que a escrita é poderosa, pois por meio dela podemos nos tornar mais íntimos, que demonstre que escrevendo há luta e resistência;

Uma educação que possibilite uma consciência que valorize o que cada pessoa é, considerando individualidades, potências e diferenças;

Uma educação em que as crianças aprendam a se nomear e a dizer quem são, criando uma nova consciência que rompa com binarismos, dualidades, provocando deslocamentos no viver, crescer, aprender, sentir, escrever;

Uma educação que seja abraço largo e apertado, seja espaço de fala, de escuta;

Uma educação que seja espaço para cada criança ser o que quiser, brincar com o que quiser;
Uma educação em que as crianças tenham liberdade para vem ser!

Considerações (sem) finais

Inspiradas em Anzaldúa que sigamos tentando escrever uma nova história para explicar o mundo e a nossa participação nele, criando outros-novos possíveis.

Em síntese, esperamos que as reflexões apresentadas (sobre)viver às fronteiras, feminismo da diferença, entre-lugares e uma nova consciência fortaleça uma concepção alternativa ao adultocentrismo que, infelizmente, ainda marca as relações entre as crianças e as pessoas adultas. Desejamos que tais reflexões desacomodem e que também sejam inspiração para outros debates entrelaçando feminismos e Educação.

Pausamos por aqui, compartilhando uma poesia visual que traz o hibridismo entre criança-natureza-mundo.

Figura 4: Eu vi o mundo e ele começa dentro de mim



Fonte: acervo virtual da obra de Flávio Cerqueira. Disponível em: <http://flaviocerqueira.com/exposicoes/>
Acesso em: 20 abr 2022.

Referências

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Trad. Édina de Marco. *Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

_____. *Interviews*. Ed. AnaLouise Keating. New York: Routledge, 2000b.

_____. *Borderlands/La Frontera: La Nueva Mestiza*. Trad. de Carmen Valle Simón, Madrid: Capitán Swing, 1999.

_____. La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 704-719, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/fL7SmwjzjDJQ5WQZbvYzczb/?lang=pt> Acesso em: 13 abr 2022.

ANZALDÚA, Glória (Ed); MORAGA, Cherríe (Ed). *This Bridge Called my Back: Writings on radical Women of Color*. New York: Kitchen Table –Women of Color Press, 1983.

COSTA, Claudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. *Cadernos Pagu*, n. 19, p. 59-90, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/wS7Qsx7gSndHr7FyYcfjR5Q/abstract/?lang=pt> Acesso em: 13 abr 2022.

COSTA, Claudia de Lima; ÁVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o "feminismo da diferença". *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 691-703, set./dez. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300014&lng=en&nrm=iso. Acesso em 27 fev. 2022

FRIEDMAN, Susan Stanford. *Mappings: Feminism and the Cultural Geographies of Encounter*. Princeton: Princeton University Press, 1998.

HULL, Sonia Saldívar. Prefácio. In: ANZALDÚA, Glória. *Borderlands/La Frontera: La Nueva Mestiza*. Trad. de Carmen Valle Simón, Madrid: Capitán Swing, 1999.

LOBO, Patrícia Alves de C. *Chicanas em busca de território: A herança de Gloria Anzaldúa*. Doutorado em Estudos de Literatura e de Cultura (Estudos Americanos). 2015. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Departamento de Estudos Anglísticos.

MACHADO, Leila D.; ALMEIDA, Laura P. Notas sobre escrever [n]uma vida. *In*: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice. (orgs.) *Uma escrita acadêmica outra*: ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016, p. 75-85.

PALMEIRA, Lara Virgínia Saraiva. Gloria Anzaldúa, uma chicana entre-fronteiras. *Equatorial*. Dossiê Gênero, deslocamentos e fronteiras no/do mundo contemporâneo. v.7 n.12, jan/jun, 2020.

Como referenciar este artigo:

BOMFIM, Juliana Cristina; MOURA, Taís Aparecia de. Conversas (sobre)viver às fronteiras, feminismo da diferença e educação, acompanhadas de Gloria Anzaldúa. *D'Generus: Revista de Estudos Feministas e de Gênero*. Pelotas: UFPel. v. 01, n. 02, p. 000-000, 2022. ISSN: 2764-9938. DOI: XXXXXX